

Analistas já veem crise da economia no ano que vem

O impacto da Covid-19 e a deterioração do quadro político levam a previsões de crescimento nulo ou negativo também em 2021. A pandemia provocará um fato histórico e até inimaginável: a queda anual superior a 10% nas horas trabalhadas no setor de serviços, responsável por 70% dos empregos. **Mercado A18**

Política e serviços podem levar a outro PIB negativo em 2021

Queda inédita no maior setor da economia e crise de governabilidade ameaçam recuperação e as reformas

Fernando Canzian

SÃO PAULO As perspectivas sombrias do impacto da Covid-19 e a deterioração do quadro político estão levando a previsões cada vez mais pessimistas para a economia brasileira em 2020 e 2021.

Elas já incluem cenários de crescimento nulo ou negativo também no ano que vem.

A pandemia provocará um fato histórico e até então inimaginável: a queda anual superior a 10% nas horas trabalhadas no setor de serviços, de longe o maior conjunto de atividades na economia.

Como comparação, a maior retração anual já registrada nesse item foi inferior a 1%, ao fim da recessão que tirou 7,2% do PIB no biênio 2015-2016, segundo dados da FGV Ibre.

Pelas projeções do órgão, o setor de serviços encolherá à taxa recorde de -4,4% neste ano — e o PIB, de -5,4%.

Os serviços representam 70% da economia e dos empregos, quase a metade deles informais. É o tipo de vaga que mais crescia desde 2016 e que já limitava o PIB devido à sua baixa produtividade.

A retração nos serviços também contribuirá para derrubar a massa salarial em mais de 10% e a elevar o desemprego acima de 20%, tornando muito difícil a recuperação.

Em outras recessões, os trabalhadores dos serviços sempre encontraram meios de obter renda, dando alguma sustentação à economia.

Isso é limitado agora pelo isolamento — e pela expectativa de um “abre e fecha” em razão de ondas da epidemia.

Especialistas afirmam que a atual crise política também cobrará um preço alto do Brasil pela inviabilização de um ambiente favorável a reformas no Congresso. Sem um horizonte econômico positivo, as reformas poderiam servir de âncora, sinalizando uma estabilização mais à frente, sobretudo na área fiscal.

Assim, o Brasil pode não ter notícias encorajadoras para estimular o consumo das famílias e os investimentos, que já sofrem um enorme baque.

Em março, os investimentos em máquinas, construção civil e pesquisa recuaram 8,9%, o pior tombo em 25 anos. A produção de veículos cai 39% no ano e teve, em abril, o pior resultado desde a instalação de fábricas no Brasil, em 1957.

O país também registrou deflação de 0,31% em abril, a maior desde 1998 e uma boa medida da depressão atual.

Esses dados sugerem que a atividade tende a permanecer muito baixa, gerando pouca renda e arrecadação para bancar tanto a conta da crise quanto novos estímulos para acelerar o crescimento.

“A grande novidade desta crise é o impacto nos serviços e a destruição de seus empregos. E não está claro se vamos implodir também o médio prazo. Além dos problemas que já temos, estamos construindo outros novos”, diz Silvia Matos, coordenadora do Boletim Macro Ibre, da FGV.

Matos não acredita em uma recuperação em “V”. Segundo ela, se por um lado o governo quer sustentar a atividade com estímulos fiscais, por outro a crise política e a perspectiva negativa no campo das reformas inibirão o consumo, o emprego e os investimentos.

A FGV Ibre prevê crescimento, em 2021, entre 2% e 3,8%,

mas com enormes incertezas que podem alterar o quadro.

No próprio setor de serviços, é uma incógnita o que acontecerá com atividades que concentram muita gente, como restaurantes, cinemas, shows e o setor aéreo.

O economista-chefe do banco Fator, José Francisco de Lima Gonçalves, prevê um PIB negativo de -3% em 2021 — após queda de -7% em 2020.

“Há um fluxo de medo invadindo o cenário. Além dos graves efeitos da epidemia, está difícil enxergar uma estabilização política que favoreça ajustes”, diz Gonçalves.

Para Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, o Brasil pode não crescer nada em 2021 pelos impactos da atual crise política e por já estar gastando, neste ano, boa parte da munção fiscal que teria para estimular a economia.

“O governo vem direcionando uma metralhadora nos próprios pés na política, e a perspectiva é que não aprove mais nada de relevante”, diz.

A Instituição Fiscal Independente (IFI), do Senado, também não crê em recuperação em "V" e começa a alterar para pior a sua percepção futura. "Nosso cenário mais pessimista vai se tornando cada vez mais provável, com o risco do pós-crise crescendo em um quadro de expansão do gasto público sem coordenação", afirma Felipe Salto, diretor-executivo da IFI.

Na previsão pessimista, o PIB cairia -5,2% neste ano e crescerá só 0,5% em 2021.

Como o tamanho da economia serve de denominador para o cálculo da dívida pública, ela aumentaria de 90% do PIB ao final deste ano para 94,4% no próximo, podendo ultrapassar os 100% em 2023.

Salto acha pouco provável que a receita tributária aumente com vigor de 2021 em diante para compensar os pacotes emergenciais, que só neste ano devem somar R\$ 440 bilhões, ou 6% do PIB.

Mesmo em relação à ajuda emergencial aos que perderam o trabalho, há dúvidas se o governo não estaria gastando de uma vez boa parte da munição fiscal que poderá fazer falta mais à frente.

Marcelo Neri, da FGV Social, calcula que cerca de 11,3 milhões de famílias beneficiárias do Bolsa Família (87% do total) puderam optar pela ajuda emergencial de R\$ 1.200 por três meses —quando antes recebiam, em média, R\$ 192.

Em muitos casos, em apenas um trimestre essas pessoas receberão o equivalente ao que ganhavam em 18 meses.

"Fomos de um extremo a outro, e é compreensível a ten-

tativa de ser generoso e talvez errar para mais. Mas é um dinheiro que poderia ser empregado em programas mais focalizados depois."

Trabalho dos economistas Naercio Menezes e Bruno Komatsu, do Insper, mostra que, se a ajuda emergencial de R\$ 600, por três meses, atingir 32 milhões de pessoas (e serão mais), a taxa de pobreza no país cairá de 16,7% do total da população para 6%.

Assim, além de ajudar as pessoas na crise, os benefícios poderão trazer dividendos políticos ao presidente Jair Bolsonaro a curto prazo.

Segundo o Datafolha, desde que os valores começaram a ser pagos, Bolsonaro ganhou oito pontos de apoio entre os que recebem até dois salários mínimos (60% da população).

"Parece haver um receio muito grande no governo de como a crise afetará a popularidade do presidente", diz Menezes. O risco seria Bolsonaro querer sustentar sua aprovação a um custo fiscal elevado.

Repetir os auxílios emergenciais por muito tempo, no entanto, é considerado insustentável —e eles teriam de ser substituídos à frente pela volta da atividade econômica.

Para o economista-chefe do BNDES, Fabio Giambiagi, no entanto, é provável que o Brasil tenha, em 2021, a menor taxa de crescimento entre todos os países do G20.

Embora acredite em um PIB positivo no ano que vem, Giambiagi vê como muito desfavorável o cenário futuro.

"Um ambiente de luta política entre governadores, Congresso e Presidência é tudo, menos algo que traga confiança para investimentos."

Pelo lado do consumo, o quadro também é desafiador. O Bradesco estima, por exemplo, que as famílias sairão da crise até cinco pontos percentuais mais endividadas em relação à renda disponível.

Na projeção do banco, o PIB encolherá -4% neste ano, acumulando uma alta de apenas 0,1% durante a década de 2011 a 2020 —a menor desde o início do século passado.

Em 2021, o PIB pode crescer 3,5%. "Mas existe muita incerteza sobre a pandemia e a saída do isolamento", diz Fernando Honorato, economista-chefe do Bradesco.

Em sua opinião, o fato de o presidente Jair Bolsonaro ter reafirmado há alguns dias a influência do ministro Paulo Guedes na economia de certa forma "blinda" a área.

Neste sábado (9), em live com o banco Itaú, Guedes disse que as reformas devem sair; e que ainda existe "capacidade para uma recuperação em 'V'. Mas o fôlego está escasseando".

Já a consultoria Tendências projeta PIB de -4,1% neste ano e alta de 3,6% em 2021. "O cenário político traz dificuldades, mas a agenda econômica deve ser retomada", diz Fabio Klein, da Tendências.

Para José Márcio Camargo, professor da PUC-Rio, o mais importante agora é manter a renda dos afetados pela crise, sobretudo nos serviços, e tentar retardar ao máximo o fechamento de empresas.

Nesse sentido, a ajuda emergencial aos informais e a redução de salários para evitar demissões no mercado formal teriam sido muito acertadas.

"Mas o problema de fundo permanece: ninguém sabe quanto tempo de isolamento ainda temos pela frente", diz.

Para bancos internacionais, saída de dólares dobra, afetando as reservas

SÃO PAULO Para Martín Castellano, chefe do Departamento de Pesquisas Econômicas do IIF (Institute of International Finance), que reúne 450 bancos numa espécie de Febraban global, a crise política já afeta a perspectiva de crescimento do Brasil, e a saída líquida de investidores não residentes no país pode dobrar neste ano, para US\$ 21 bilhões, em relação a 2019.

Segundo ele, “ventos políticos podem dificultar o apoio da população ao governo e a manutenção da agenda de reformas”. Nesse cenário, a saída de dólares do Brasil continuaria pressionando a moeda para cima (alta de 45% no ano), e as reservas do Banco Central, para baixo.

*

Estímulo fiscal

O Brasil começou a sofrer antes e foi um dos atingidos desde cedo pelo choque [da pandemia] nos mercados desenvolvidos. Quando o surto do coronavírus começou na China, o Brasil sofreu correções nos preços de ativos, principalmente nos mercados cambial e de ações. Isso foi explicado por vários fatores: tamanho do mercado, risco entre os mercados emergentes, dependência da China, oportunidade perdida em dar continuidade às reformas e frágil posição fiscal.

O déficit fiscal e a relação dívida/PIB estão entre os maiores da América Latina. Portanto, o espaço para adotar um estímulo fiscal não desestabilizador para mitigar o impacto da epidemia na atividade é bastante limitado.

Problemas políticos

Problemas políticos podem prejudicar a capacidade de o governo estimular a economia. Isso inclui o Banco Central. Incerteza política e saídas de capital, juntamente com uma posição fiscal fraca, podem limitar o trabalho do BC para facilitar a política monetária.

Os preços dos ativos no Brasil já sofreram muito em meio a saídas consideráveis dos mercados de ações e dívidas de não residentes.

A percepção do mercado é que a combinação da Covid-19 e ventos políticos podem dificultar o apoio da população ao governo e a manutenção da agenda de reformas, piorando perspectivas de crescimento para este ano e o próximo.

Sem muito espaço para expansão fiscal e flexibilização agressiva da política monetária, a atividade provavelmente sofrerá significativamente. Projetamos contração real do PIB de 4,1% neste ano, em linha com o restante da região. Estamos considerando o impacto direto do choque, já que o Brasil é um dos países da América Latina que enfrentam o maior surto.

Saída de capital

Preveemos uma desaceleração significativa nos fluxos de capital neste ano. As saídas de carteira de não residentes, incluindo dívida e patrimônio, podem ser quase duas vezes mais altas em comparação a 2019.

O investimento direto estrangeiro também deve sofrer. Apesar da diminuição do déficit em conta-corrente, a forte desaceleração dos fluxos de capital de não residentes provavelmente resultará em mais perdas de reservas cambiais. FC



Não está claro se vamos implodir também o médio prazo. Além dos problemas que já temos, estamos construindo outros novos

Silvia Matos

coordenadora do Boletim Macro Ibre, da FGV

Tombo histórico dos serviços comprometerá a recuperação

Queda anual do setor de serviços será inédita

Horas trabalhadas, em %

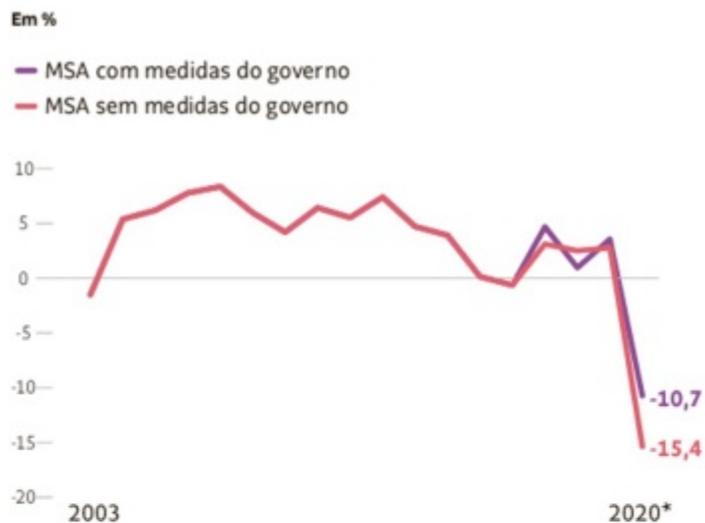


Sector de serviços terá tombo histórico

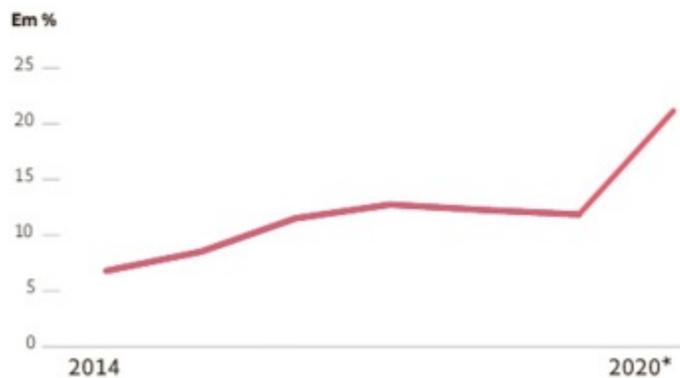
Horas trabalhadas, em %



Massa salarial terá queda recorde

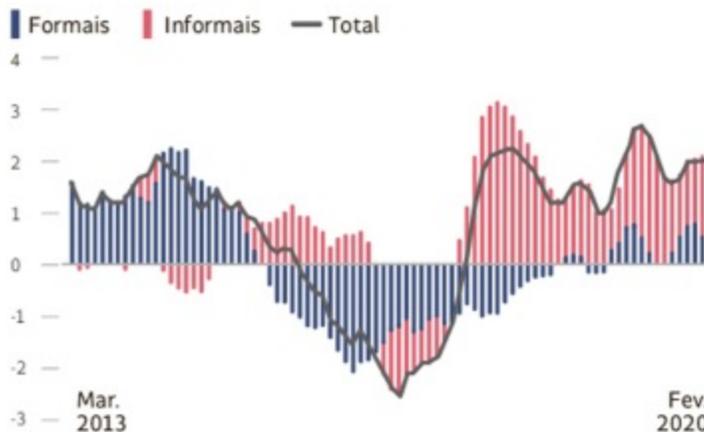


Desemprego deve superar os 20%



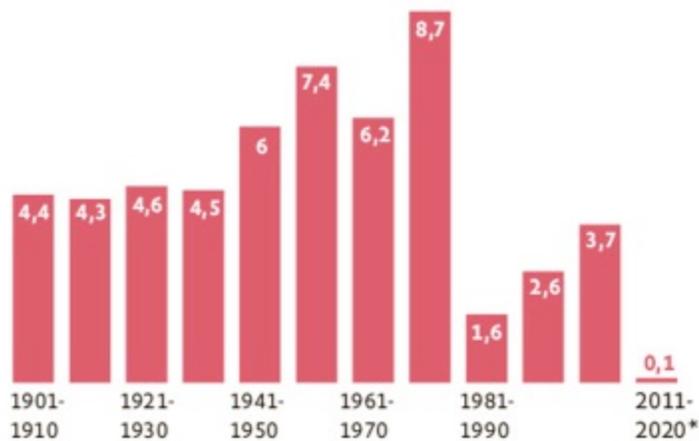
Até a crise, emprego informal era o que mais crescia

Decomposição do crescimento dos ocupados, em %



Crescimento do PIB do Brasil

Varição média do PIB por década, em %



*Projeção | Fontes: FGV/ibre e Bradesco